



NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES COMO POTENCIALIDADES PARA A (AUTO)FORMAÇÃO

*Eixo Temático 28 - Narrativas, gêneros, sexualidades e educação: encontros
insurgentes*

John Jamerson da Silva Brito ¹
Juliana Ferreira de Sousa ²
Jónata Ferreira de Moura ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas potencialidades que as narrativas (auto)biográficas sobre gêneros e sexualidades podem trazer para os processos (auto)formativos em pesquisas educacionais e nas trajetórias de pesquisadores/as. Toma-se as narrativas como espaços de transgressões, formação, partilha, produção de si e/ou reinvenção de si, ao qual possibilitam a quem narra, a quem ouve, a quem lê e a quem vive, a riqueza de si, dos outros e do mundo, e a relações que nos envolve, através de uma produção da realidade e do registro de um tempo histórico, situado, cultural e socialmente comprometido. Para tanto, neste texto utiliza-se como arcabouço teórico/metodológico os estudos (auto)biográficos em especial as pesquisas (com) narrativas, em diálogo aos estudos de gêneros e sexualidades vinculados a uma perspectiva pós-estruturalista de inspiração foucaultiana. A metodologia parte da reflexão com autoras e autores dos estudos citados, através de uma costura textual com nossa própria escrita/trajetória enquanto pesquisadores/as no campo das narrativas e como seus (des)uso(s) atravessam nossas pesquisas e se tornam essenciais para nossos escritos e processos formativos, tudo isto exigindo um pensamento narrativo, visto que a narrativa trata das vicissitudes das intenções humanas. Entende-se que ao narrar a si, e aos seus movimentos auto(trans)formativos, os/as pesquisadores/as conseguem realizar uma reflexão não apenas de si, mas dos seus próprios caminhos que entrelaçam-se com as suas constituições enquanto sujeitos/as, que perpassam diferentes marcadores sociais imbricados nas relações de gêneros e sexualidades, nesse sentido, o ato narrativo se configura como algo indispensável para o registro das (trans)formações e experiências marcadas por esses atravessamentos dissidentes.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), jamersonbritobr@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ferreira.juliana.sd@gmail.com.

³ Doutor em Educação. Professor Adjunto no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), jf.moura@ufma.br.



Palavras-chave: Narrativas, Estudos (auto)biográficos, Pesquisas Educacionais, Gêneros e Sexualidades e (Auto)formação.

Considerações Iniciais

Somos pesquisadores/as narrativos/as! Iniciamos com essa afirmação, entendendo-a como um anúncio político e epistemológico de onde estamos situados/as, e qual (quais) perspectivas estamos assumindo. Dessa forma, tomamos a narrativa nesse texto, não somente como um ato de registro ou partilha de experiências⁴, mas como um ato auto(trans)formativo (Passeggi, 2021), que possibilita aos sujeitos inventarem a si, ao mundo e a própria realidade.

Através do ato narrativo é possível que processos sociais possam ser problematizados pela partilha das experiências de sujeitos dissidentes, que apesar de singulares, ecoam uma voz plural e polifônica que nos permite conhecer, entender e refletir sobre os atos formativos, pois multiplicam-se “as narrativas de vida de pessoas que se encontram ou se encontraram em uma situação social similar” (Bertaux, 2010, p. 48), como por exemplo pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades, como nos consideramos.

Nesse sentido, este texto tem como objetivo apresentar algumas potencialidades que as narrativas (auto)biográficas sobre gêneros e sexualidades podem trazer para os processos (auto)formativos em pesquisas educacionais e nas trajetórias de pesquisadores/as. Para isso, apresentamos relatos de como a pesquisa narrativa atravessou nossas vidas enquanto pesquisadores/as, bem como atravessam nossas próprias pesquisas, permitindo ao fim (provisório) nos anunciarmos como pesquisadores/as narrativos/as.

⁴ Acionamos o conceito de experiência como aquilo que toca, atravessa, afeta e marca de maneira singular, ao ponto de transformar o sujeito que é atravessado (Larrosa, 2021).



Como nos tornamos pesquisadores/as narrativos/as: diálogos entre gêneros e sexualidades.

Em 2022 o terceiro autor deste artigo juntamente com Adair Nacarato organizaram uma obra chamada *Como nos tornamos pesquisadores narrativos*, um livro que agrupou textos dos participantes do grupo de estudos e pesquisas Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem)⁵, que se constituíram como pesquisadores/as narrativos/as. Segundo os organizadores (Nacarato e Moura, 2022, p. 18)

há fortes indícios de que a colaboração que existe no grupo vem sendo potente para a nossa constituição como pesquisadores. A ideia do livro foi ganhando força, e aqui está a nossa história: a história de um grupo e de seus integrantes que, pelas leituras, discussões, produções foram se constituindo pesquisadores narrativos.

Do mesmo modo que refletiu Nacarato e Moura (2022, p. 379, grifos nossos), temos a sensação de que “as ideias de autobiografização e de heterobiografização, articuladas com a reflexividade narrativa e suas incidências sobre a formação humana, discutidas por Passeggi (2021), perpassam a constituição da identidade do Hifopem e de seus membros [e as nossas, os/a autores/a deste artigo]”. É sobre isso que trataremos nesta seção.

A princípio eu renegava (primeiro autor do texto) as histórias de vida, bem como as narrativas para processos investigativos. Isso decorria do meu processo formativo inicial na graduação em Pedagogia. Pensava que o/a pesquisador/a precisaria estar distante de “seu objeto” para problematizar criticamente. Entretanto, o que não entendia, é como a minha *vidaformação* estava totalmente imbricada com o que eu pretendia pesquisar e desenvolver. Primeiro, enquanto homem gay, e segundo, enquanto *docentegay*.

⁵ Grupo sob a liderança de Adair Mendes Nacarato e Jónata Ferreira de Moura, certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e vinculado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF), *campus* Itatiba/SP, desde 2010, e em 2021 foi vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O grupo conta com mestrandos/as e doutorandos/as, bem como com pesquisadores/as externos/as, em sua maioria, egressos/as do programa da USF.



Somente ao ler e começar a estudar profundamente o campo dos estudos (auto)biográficos e narrativos, foi que tomei a consciência de suas potencialidades, e de como eles indicam e trazem uma riqueza singular-plural para pesquisas, e para nosso próprio ato (trans)formativo, já que “a [pesquisa] biográfica parece implicar a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, de ação social” (Ferrarotti, 2010, p. 32).

Ao escrever a minha história de vida por meio dos memoriais de formação ao longo do curso de Pedagogia (Brito, 2020), em minha dissertação de mestrado em Educação (Brito, 2023), e agora em meu doutorado em Educação (em andamento), tenho percebido e reconfigurado os modos como faço pesquisa, a partir do momento que tais investigações trabalharam com materiais primários narrativos (narrativas orais de crianças e *sujeitosdocentes* LGBTQIAPN+⁶, respectivamente), e de como me entendo enquanto *docentepesquisadorgay*, já que as narrativas são meios “pelas quais e nas quais a subjetividade de quem narra se constitui” (Passeggi, 2021, p. 98), pois, “percebo que somente após esse movimento de escrever, de narrar a mim mesmo, de me permitir vivenciar múltiplas experiências formativas é que fui me constituindo” (Brito, 2024, p. 401).

Essas reconfigurações se dão pela capacidade (trans)formativa que o ato de narrar possibilita, ao passo que por meio da rememoração de experiências e vivências, os sujeitos conseguem com seu “olhar do hoje”, problematizar e ressignificar experiências do passado, tendo em vista que entendemos passado-presente-futuro, não como um campo linear, mas como algo diacrônico e fictício (Nietzsche, 2003).

Existe uma forma correta de fazer pesquisa? Estou realizando uma pesquisa coerente com as regras científicas? Por muito tempo essas questões me rondaram, já que venho de um curso em Licenciatura em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia (segunda autora do texto). Ao longo do meu processo formativo nesse curso, existiu uma ênfase muita latente sobre esse lugar da/do pesquisadora/dor em uma posição de neutralidade, que observa um objeto, que precisa ser estranhado e analisado.

⁶ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans*, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binárias e outras identidades de gêneros e sexualidades.



É importante demarcar que esse entendimento sobre método científico teve uma intencionalidade temporal, de demarcar um campo científico, como é o caso da Sociologia, e não podemos cair na armadilha de tornar isso um ritual sagrado, que precisa ser seguido à risca.

Essa relação entre pesquisa e pesquisadoras/es não pode ser simplificada, pois se trata de uma relação complexa e profunda, que necessita ser explorada. A pesquisa (com) narrativa é uma alternativa para desbravar essas novas possibilidades investigativas, Vieira e Bragança (2020, p. 14) destacam que, “a narrativa é a vida, é o pensamento essencialmente humano e dialético. Escritas das/com/nas experiências”. Dessa forma, o ato de narrar possui potencialidades de rememorar experiências e vivências, permitindo que elas sejam reinterpretadas e ressignificadas. Assim, a narrativa abre um vasto campo de possibilidades, tanto na vida quanto na escrita, possibilitando a construção de sentidos e uma contínua (re)elaboração da própria história e de si, num processo (auto)formativo.

Foi a partir da pesquisa narrativa que consegui pensar no fazer pesquisa com outra concepção. E esse esclarecimento se deu na escolha do meu objeto de pesquisa (graduação, mestrado e doutorado), não poderiam ser algo aleatório, tinha que condizer com minha história de vida, de onde eu vim, com quem convivi. A partir daí fiz uma trajetória de pesquisa sobre agricultores camponeses⁷, partindo da compreensão das suas condições de trabalho, até a construção de conhecimentos a partir do trabalho, essas reflexões me trouxeram ao doutorado, onde a pesquisa vai se amplificar espacialmente e teoricamente na análise das relações desses sujeitos. Em síntese, o exercício da pesquisa narrativa foi primordial para a minha compreensão da totalidade de uma pesquisa acadêmica, que não se restringe a normatizações acadêmicas, mas carrega também uma bagagem existencial daqueles que pesquisam.

Assim como aconteceu com o primeiro autor deste texto, comigo (terceiro autor do texto), durante o mestrado, tive um grande estranhamento com os estudos biográficos. Durante o mestrado, em 2013, cursei uma disciplina chamada *Narrativas, História Oral e Educação Matemática*, e acompanhava as leituras e as discussões com

⁷ Agricultores camponeses da cadeia produtiva leiteira de São Francisco do Brejão/MA.



total desconfiança sobre a cientificidade do que se tratava no campo da Educação Matemática com os estudos biográficos. Ao produzir o memorial de formação para a dissertação o entendimento sobre a importância dos estudos biográficos para o processo de fazer pesquisa foi ficando claro. A pesquisa que desenvolvi em 2015 alicerçou minhas indagações sobre o método biográfico e foi fortalecendo meu trabalho com meus/minhas estudantes de graduação no curso de Pedagogia, com a produção de memoriais formativos sobre suas trajetórias de vida e formação. Tudo isso me fez organizar meu trabalho de doutorado sobre a (auto)formação de meus/minhas estudantes do curso de Pedagogia.

Assim também, aconteceu com minha formação. Ao escrever minha história e refletir sobre ela, fui percebendo que ao longo dela, as discussões sobre gêneros e sexualidades eram negligenciadas, mas eu sempre buscava informações e esclarecimentos sobre a temática para me entender e poder caminhar resolvendo meus conflitos internos e ajudar os/as estudantes a se entenderem.

Ao assumir o concurso na Universidade Federal do Maranhão em 2015, fui trabalhando, dentre tantas disciplinas, a *Educação, gênero e sexualidade* e muitos/as estudantes foram solicitando orientações para realizarem suas pesquisas de trabalho de final de curso. Em todas sempre iniciava com a produção do memorial do/a pesquisador/a e eles e elas, ao escreverem e refletirem sobre sua história de vida e formação, percebiam o quanto a temática investigativa estava conectada à sua vida. Com isso foram entendendo que fazer pesquisa é fazer algo consigo mesmo e percebendo que em toda e qualquer investigação a neutralidade não existe.

Nas pesquisas que produzi (Moura, 2015 e 2019) e nas que orientei na graduação em Pedagogia, quicá em todas as educacionais de abordagem biográfica, no entender de Bolívar, Domingo e Fernández (2001), as narrativas possibilitam que venha à tona uma informação de primeira ordem para conhecer de modo mais profundo o processo educativo. Toda a ideia perpassava pela escuta atenta dos sujeitos envolvidos nas investigações, pois voz eles já tinham, mas, em muitos casos, eram silenciados/as e ainda não haviam sido escutados/as.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Considerações Finais

Nosso objetivo foi apresentar algumas potencialidades que as narrativas (auto)biográficas sobre gêneros e sexualidades podem trazer para os processos (auto)formativos em pesquisas educacionais e nas trajetórias de pesquisadores/as. Ao escrevermos sobre nossos enlaces e intercambiamentos com esses modos de fazer pesquisa, percebemos como de maneiras distintas/similares, o ato de narrar possibilitou um processo auto(trans)formativo.

Dessa forma, consideramos que a narrativa foi essencial para o desenvolvimento de novos/outros modos de fazer pesquisa na trajetória de cada um de nós, a partir desses atos reflexivos, bem como por meio dela conseguimos reconfigurar nossa própria constituição. E através dessas experiências e vivências, podemos (re)afirmar que as pesquisas narrativas são potentes para o campo dos estudos de gênero e sexualidades, ao visibilizar as vozes, experiências e existências de sujeitos dissidentes. Em suma, assumimos a posição de que somos pesquisadores/as narrativos/as!

Referências

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal, EDUFRN, 2010.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfica-narrativa en educación**: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BRITO, John Jamerson da Silva. **“Cada um é o que quiser, cada um é o que quer”**: narrativas de crianças sobre gêneros e sexualidades numa súplica à possibilidade de um currículo queer. 2020. 90f. Monografia (Curso de Pedagogia) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2020.

BRITO, John Jamerson da Silva. “Professor, o senhor é gay?”: inquietações e resistências de ser *docentegay* na educação básica. In: **Anais do Congresso Internacional Movimentos Docentes**, 2024, Diadema. Escredocências – Caderno Especial do IV CMD. Santo André: V&V Editora, 2024. v. Único. p. 398-401. Disponível em: <https://www.vveditora.com/eventos/978-65-6063-066-6>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BRITO, John Jamerson da Silva. **Nossa presença incomoda!?** A (re)produção dos currículos na formação/experiência de sujeitos/docentes LGBTIA+. 2023. 192 f.



Dissertação (Programa de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educativas- PPGFOPRED) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 33-57.

MOURA, Jónata Ferreira. **Pesquisa-formação**: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de Pedagogia que ensina(rá) Matemática. 2019. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 2019.

MOURA, Jónata Ferreira **Narrativas de vida de professores da educação infantil na constituição da formação docente**: as marcas e as ausências da matemática escolar. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 2015.

NACARATO, Adair Mendes; MOURA, Jónata Ferreira (Org.) **Como nos tornamos pesquisadores narrativos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da História para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Práx. Educ.** [online]. 2021, vol.17, n.44, pp.93-113. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i44.8018>. Acesso em: 09 abr. 2025.